

## FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA O ATENDIMENTO DE ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

*Luana Oliveira Santos*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

*Sheila Cristina Furtado Sales*

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** O presente artigo tem o objetivo de analisar como os professores do ensino fundamental dos anos iniciais se sentem frente às dificuldades de aprendizagem apresentadas por seus alunos tendo como objeto de estudo a análise da prática docente e a formação acadêmica para o atendimento com esses alunos. O espaço físico escolhido para a pesquisa foi a Escola Municipal Dom Climério, situada na cidade de Poções- BA. Trata-se de uma pesquisa qualitativa na forma exploratório-descritiva na qual busca primeiramente a familiarização com o tema abordado ao apresentar ideias de autores, artigos, leis e manuais que definem, diferenciam e indicam possíveis causas e consequências das dificuldades de aprendizagem. E, para torná-lo mais explícito, foram coletados dados a partir de uma observação não participante, entrevista semiestruturada e questionários abertos com profissionais da educação, da escola escolhida, os quais possuem experiências práticas tanto na escola quanto na formação acadêmica realizada há alguns anos, o que contribuiu para discussão do tema abordado. A partir desses dados coletados e durante todas as observações feitas ao longo da pesquisa foi possível perceber a necessidade de um olhar específico para essa questão, principalmente na mudança e atualização dos cursos, para que o professor saia da graduação tanto com uma base teórica quanto prática, para que assim seja desenvolvido, profissionalmente, um trabalho eficaz e de qualidade.

**Palavras chave:** Dificuldades de aprendizagem. Formação de professores. Prática pedagógica.

### Introdução

Ao observar três escolas públicas no ensino fundamental dos anos iniciais, podemos notar alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem<sup>1</sup> e professores que relataram dificuldades em desenvolver uma forma de trabalho que ajudasse esses alunos. A partir dessas vivências, surgiram alguns questionamentos: Quando saímos da graduação e vamos para sala de aula e nelas encontramos alunos com dificuldades de aprendizagem, estamos preparados para desenvolver um trabalho eficaz que contemple tanto as crianças ditas “normais” quanto àquelas com dificuldades? Como professores se sentem frente a dificuldades vividas para trabalhar com pessoas com dificuldades de aprendizagem e sobre a preparação que recebem durante a graduação?

---

<sup>1</sup> Termo genérico para descrever a defasagem de aprendizado na aquisição de uma ou mais competências. (CANCIAN & MALACARNE, 2019).

Esses questionamentos nos fazem refletir sobre como a formação acadêmica contribui para o trabalho prático em sala de aula, especialmente para trabalharmos com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Daí surgiu o desejo de, nesse artigo, analisar percepções e práticas educativas de docentes dos anos iniciais do ensino fundamental que trabalham com alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Assim foi necessário buscar identificar dificuldades apresentadas por alunos da escola pesquisada; identificar procedimentos adotados pela escola para auxiliar alunos com dificuldade de aprendizagem; perceber como os professores se instrumentalizam para lidar com as dificuldades de aprendizagem apresentadas por seus alunos e, por fim, investigar como a graduação cursada por cada docente participante da pesquisa contribuiu na formação dos professores auxiliando a prática com alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem.

## 1. Metodologia

A metodologia utilizada para desenvolvimento desse trabalho foi exploratório-descritivo e baseada na perspectiva exploratória, apresentada por Gerhardt e Silveira (2009, p. 37) sendo “[...] um tipo de pesquisa que procura se familiarizar com o tema abordado e torná-lo mais explícito ao entrevistar pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado”.

Quanto à perspectiva descritiva da pesquisa, baseou-se em Triviños (1987), quando destaca que ela busca descrever "com exatidão" os fatos e fenômenos de determinada realidade, assim, para isso, foi feito primeiramente uma explanação do tema abordado baseado em autores que fomentam a discussão do assunto para depois conhecermos a realidade da escola pesquisada.

Para a escolha do universo da pesquisa foi realizado um levantamento junto a Secretaria de Educação do município de Poções<sup>2</sup>, sobre as escolas da rede e matrícula de estudantes com dificuldades de aprendizagem. Em decorrência desse levantamento foi possível verificar que a escola que possuía maior registro de alunos matriculados com

---

<sup>2</sup> Poções é um município brasileiro do estado da Bahia. Sua população estimada em 2020, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é de 46.879 habitantes. Está situada a 63 km a Norte-Leste de Vitória da Conquista, a maior cidade nos arredores.

dificuldades de aprendizagem era a Escola Municipal Dom Climério, local onde realizamos a pesquisa e conseqüentemente a coleta dos dados. Após a identificação desse espaço escolar foi realizada a primeira visita. A partir disso, pedimos autorização da diretora para realizarmos uma primeira conversa informal com ela e nesse momento foram coletadas informações gerais sobre a escola – tais como sobre infraestrutura, corpo docente, corpo discente, dentre outras questões.

Como decorrência dessa conversa também foi agendado o dia para realização de uma primeira observação, com autorização da docente, em uma das salas de aula. Assim, no dia 17 de março 2020 foi realizada uma observação não participativa na sala de aula do 1º ano do Ensino Fundamental, no turno vespertino. Durante toda a aula buscamos observar a prática da professora, a interação das crianças entre si e a rotina estabelecida na escola.

Logo após a observação, no final da aula, foi realizada uma entrevista semiestruturada com a professora do 1º ano (que também atua em outra turma da mesma escola: 2º ano no turno matutino e vespertino). Nessa entrevista foi possível buscar informações sobre sua rotina na sala de aula, sua organização no planejamento e sobre seus alunos que possuem dificuldades de aprendizagem.

Logo após a realização da entrevista com a docente do 1º e 2º ano também aconteceu uma entrevista com a atual diretora, em que foram organizadas perguntas a respeito da organização da escola, do corpo docente e suas respectivas formações e também sobre os alunos da escola que apresentam dificuldades de aprendizado.

Logo após esse momento de observação e entrevista à professora e à diretora, as atividades de investigação tiveram que ser modificadas por conta da pandemia causada pelo novo corona vírus. Como desdobramento toda a busca de dados passou a acontecer de modo virtual e com ajuda de meios digitais como e-mail. Assim, tanto para a professora observada em março quanto para a diretora da escola, após quatro meses, foi aplicado, via e-mail, um questionário aberto com vinte perguntas para a professora e outro com seis perguntas para a diretora. O momento pandêmico também motivou a mudança no instrumento de coleta de

dados (antes seria via entrevistas semiestruturadas e agora passaram a ser via aplicação de questionários<sup>3</sup>).

Apesar da intenção inicial ser entrevistar todos os docentes da escola que trabalhavam com alunos com dificuldades de aprendizagem, a nova rotina imposta pela pandemia levou a uma reestruturação do Projeto inicial e então só foi aplicado o questionário para uma professora, ou seja, a que já havíamos feito a observação na sala de aula. Os demais professores da instituição não mais se disponibilizaram a participar do trabalho e justificaram que estavam se adaptando com as aulas remotas e por isso não estavam disponíveis para responderem ao questionário.

A professora observada em 17 de março respondeu ao questionário (20 questões) em forma de texto, contando um pouco da sua jornada acadêmica e profissional, contemplando ao longo do texto as perguntas feitas. Já a diretora foi objetiva, respondendo todas as perguntas (6 questões) de acordo o que foi perguntado. O questionário teve o intuito de entendermos além do processo educacional, mas também o ponto de vista de ambas acerca do assunto abordado.

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa, o que de acordo com as ideias de Trivinos (1987), é “[...] uma metodologia que, considerando também o contexto do fenômeno social que se estuda, privilegia a prática e o propósito transformador do conhecimento que se adquire da realidade que se procura desvendar em seus aspectos essenciais e acidentais.” (TRIVINOS, 1987, p. 125).

Por isso, a pesquisa nos faz refletir se estamos realmente sendo formados com a instrumentação necessária para lidar com as dificuldades que surgem, além do aluno ideal, perfeito, conforme previsto nos livros e nas falas dos docentes que nos formam. Também nos remete a pensar nas condições de trabalho, no acompanhamento familiar, na escassez (relatada pela professora entrevistada) de formações continuadas para os educadores, entre outras coisas.

Nesse sentido, a finalidade de trazer o relato de uma professora que atua pouco mais de 20 anos e em duas séries diferentes (1º e 2º ano) e de uma diretora que trabalha a 11 anos

---

<sup>3</sup> A partir dessa mudança estratégica no instrumento de coleta de dados, escolhemos o questionário em substituição a entrevista semiestruturada por esse instrumento possibilitar o levantamento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses e situações vivenciadas. (GERHARDT & SILVEIRA, 2009).



na rede pública é de analisar todos esses questionamentos e a refletir tanto sobre a relação formação e prática pedagógica, quanto sobre a construção de uma aprendizagem significativa para todos os alunos, independentemente de suas demandas e dificuldades individuais.

A seguir, para melhor contextualizar a temática abordada nesse artigo, iremos apresentar aspectos teóricos relacionados com distúrbios de aprendizagem.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1 Distúrbios de aprendizagem

Martins (2009) aponta que as primeiras informações sobre dificuldades de aprendizagens surgiram por volta do século XIX quando as crianças com dificuldades eram comparadas com pessoas que possuíam lesões cerebrais. Dessa forma, Bonadio e Mori (2013) mostram o longo percurso nesta área, desde quando era comparada a lesão cerebral com algumas características comportamentais do TDAH até 1994 em que foi denominada, pelo DSM-IV (Manual de estatística e diagnóstico, quarta edição), “Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade quando diagnosticados tanto com sintomas de desatenção como os de hiperatividade/impulsividade.” (BRASIL, 2014, p.33).

O DSM-5, define o TDAH como:

Um transtorno do neurodesenvolvimento definido por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade. Desatenção e desorganização envolvem incapacidade de permanecer em uma tarefa, aparência de não ouvir e perda de materiais em níveis inconsistentes com a idade ou o nível de desenvolvimento (BRASIL, 2014, p.59).

Outro distúrbio de aprendizagem que pode comprometer o desenvolvimento acadêmico da criança é a deficiência intelectual, antes nomeado como “deficiência mental”, porém, de acordo com Sasaki (2005, p.3), “[...] atualmente, há uma tendência mundial de se usar ‘deficiência intelectual’, termo mais apropriado por referir-se ao funcionamento do intelecto especificamente e não ao funcionamento da mente como um todo.” Assim, para entendermos melhor o que seria esse transtorno, o DSM-5 classifica a deficiência intelectual como “um transtorno com início no período do desenvolvimento que inclui déficits funcionais, tanto intelectuais quanto adaptativos, nos domínios conceitual, social e prático.” (BRASIL, 2014, p.33).

Além desses distúrbios, temos também, a Dislexia, a qual afeta o aprendizado do aluno na leitura e escrita, o que segundo Cancian e Malacarne (2019, p. 6) refere-se a “[...] um transtorno genético e hereditário, que compromete a capacidade de ler e escrever de forma correta. O problema tem origem neurobiológica, e se manifesta ainda na infância, podendo persistir durante a vida adulta”.

Outro distúrbio que afeta a aprendizagem dos alunos é a Discalculia, definido pelo DSM-5 como “[...] um padrão de dificuldades caracterizado por problemas no processamento de informações numéricas, aprendizagem de fatos aritméticos e realização de cálculos precisos ou fluentes” (BRASIL, 2014, p.67), por isso, esse distúrbio pode ter um nível de gravidade de leve a grave, podendo ser a última, de acordo com o DSM-5, improvável que o indivíduo aprenda essas habilidades sem um ensino individualizado e especializado.

Por fim, temos a Disgrafia uma dificuldade de aprendizagem relacionada à escrita, mais precisamente, segundo Telles, Lucio e Alcantara (2017, p.67), a dificuldade de “[...] coordenar os músculos da mão e do braço, caracterizado por uma dificuldade crônica e persistente na habilidade motora e espacial da escrita, impedindo que ela escreva de forma legível e ordenada.” Sendo assim, faz com que o aluno tenha dificuldade tanto no desenhar letras até na escrita de textos.

Dessa forma, vemos que esses alunos necessitam de uma educação de qualidade que valorizem suas habilidades e trabalhem nas suas especificidades e para isso, é importante que os professores tenham sempre a oportunidade de ter acesso a conhecimentos sobre as possíveis dificuldades que os alunos possam apresentar e sobre atividades e formas de trabalhar atualizadas que possam ajudar na sua vida escolar. Além disso, como aponta Rotta (2016, p.101) “[...] é necessária uma equipe multidisciplinar e interdisciplinar, para que se possa entender a criança como um ser global, e não dividida em pequenas situações que serão, cada uma, avaliadas e tratadas ao mesmo tempo e de forma isolada”.

Levando a questão dos distúrbios de aprendizagem para outros âmbitos, no próximo item iremos abordar sobre dificuldades de aprendizagem a partir de aspectos que envolvem a família e também a escola.

## **2.2 Dificuldades de aprendizagem no contexto familiar e escolar**

Para Vigotsky (1991, p.54) aprendizagem e desenvolvimento estão intrinsecamente ligados já que “[...] o desenvolvimento é visto como o domínio dos reflexos condicionados, não importando se o que se considera é o ler, o escrever ou a aritmética, isto é, o processo de aprendizado está completa e inseparavelmente misturado com o processo de desenvolvimento.” Assim, a aprendizagem é definida não só como o que aprendemos na escola, mas em tudo que aprendemos em nossa vida, ou seja, um processo contínuo.

Segundo Mazer, Bello e Bazon (2009) a dificuldade de aprendizagem é apresentada ou percebida no momento do ingresso formal da criança na escola, já que é no ambiente escolar que ela é avaliada no seu desenvolvimento gradativo. Desse modo, de acordo com Assunção e Freitas (2019) essas dificuldades se dão pelo fato de o aluno não alcançar o conhecimento desejado, ainda que não possua nenhuma deficiência evidente.

Em relação a essas dificuldades de aprendizagem, segundo Roza e Damasceno (2011, p. 2103) “[...] as crianças que apresentam dificuldades em seu processo de aprendizagem, podem ser de natureza mesológica, ligados a fatores externos ao sujeito, como o ambiente escolar, ou como consequência da existência de distúrbios, de causa orgânica, intrínseca ao indivíduo”.

Não podendo esquecer também dos problemas de aprendizagem, que, segundo as autoras Mano e Marchello (2015) os problemas de ordem pedagógica estão relacionados ao modo como os conteúdos chegam até a criança e a maneira como estão organizados ou ainda, o modo como o professor realiza suas atividades. Ressaltamos ainda, os problemas na infraestrutura, das salas superlotadas, falta de recursos para o trabalho em sala, rigidez nas aulas em que os alunos são sempre penalizados, enfim, em um ambiente que não propicia o desenvolvimento daquela criança.

Segundo Carara (2018), a dificuldade de aprendizagem também se encontra em vários fatores como problemas pessoais que são desde desestrutura familiar até situações de vulnerabilidade social. O que faz total sentido, já que como, dito anteriormente, Vigostky (1991) afirma que a aprendizagem sofre influência do meio já que antes do aprendizado existe uma história prévia.

Como afirma Carara (2018), nas comunidades vulneráveis, nem todas as famílias têm condições de dispor de materiais, jogos, livros, ou até mesmo de tempo para dedicar às

crianças e isso faz com que a vida escolar fique afetada pelas vivências que acompanham os estudantes. Casarin e Ramos (2007) também falam do assunto, afirmando que o alongamento da jornada de trabalho, diminuiu consideravelmente o tempo que os pais tinham para compartilhar com os filhos, gerando a falta de afeto e de tempo com os adultos e consequentemente limita as possibilidades de amadurecimento e motivação das crianças.

Considerando a importância da formação docente para possibilitar um bom desenvolvimento da aprendizagem de pessoas com distúrbios de aprendizagem no ambiente escolar, no próximo item iremos comentar sobre aspectos referentes a formação de professores para atuar em turmas do ensino fundamental.

### **2.3 A formação docente para os anos iniciais do Ensino Fundamental**

De acordo com Leite *et al* (2018, p. 723), “[...] a formação docente é, reconhecidamente, uma ação complexa, sobretudo quando se reflete a respeito do papel do professor, bem como sobre sua função social.” Bastos (2017) defende a ideia de que a formação do professor deve estar relacionada à sua área para que ele possa desenvolver, de forma eficiente, as suas tarefas disciplinares no âmbito pedagógico.

É visto também, que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) Lei nº 9.394/96 assegura, no artigo 61, que “[...] a formação de profissionais da educação deve atender aos objetivos dos diferentes níveis e modalidades de ensino e às características de cada fase do desenvolvimento do educando.” (BRASIL, 1996). Dessa forma, vemos que a formação docente não é apenas uma formação que levará uma simples atividade profissional em sala de aula, mas um trabalho que contribuirá para o desenvolvimento pleno do educando, assim como diz Cunha (2013, p.612), “[...] o professor se faz professor em uma instituição cultural e humana, depositária de valores e expectativas de uma determinada sociedade, compreendida em um tempo histórico”.

Nesse sentido, segundo Cunha (2013, p.618), “[...] o esforço político realizado, para garantir a formação de professores das séries iniciais no âmbito da universidade, foi decorrente do reconhecimento da importância dessa fase de escolarização, exigindo a presença de um professor bem qualificado”. Segundo Camargo (2013, p.71), “[...] dentre as principais questões apontadas na formação de professores, no campo institucional e no campo



do currículo, destacamos a que diz respeito à necessidade de adequação dos processos formativos aos conteúdos das áreas que serão objeto de atuação do professor”.

Dessa forma, o currículo deve ser desenvolvido a partir do que o professor trabalhará em sala de aula, mesmo sabendo que a constante mudança faz com que o docente tenha que se adaptar a diversas situações, assim como afirma Leite *et al* (2017, p.723) “[...] as transformações da sociedade traz à tona a fluidez e a superficialidade de informações que chegam às pessoas e, nesse movimento, o professor tem que se reinventar e lidar com as novas demandas, muitas vezes ainda desconhecidas e, portanto, desafiadoras.”

Pimenta (1999), ao analisar pesquisas sobre formação inicial, constata que os cursos de formação realizam atividades distantes das realidades que os professores costumam atuar e, por isso, a autora acredita que as pesquisas que tratam sobre a formação do professor e sua prática estão contribuindo para abrir novos caminhos para a formação docente. Nesse sentido Leite *et al* (2018) fala sobre a heterogeneidade encontrada nas salas de aulas, já que os alunos possuem diferentes conhecimentos e experiências de vida e que devem ser considerados no processo de ensino.

Nesse sentido, toda essa discussão sobre a melhoria dos currículos e entendimento através de pesquisas sobre a formação docente tem como um dos objetivos a eficácia da prática do professor em sala de aula. Mas o que seria essa prática docente? Prática docente e prática pedagógica são a mesma coisa?

Franco (2016, p.535) afirma que “[...] há práticas docentes construídas pedagogicamente e há práticas docentes construídas sem a perspectiva pedagógica, num agir mecânico que desconsidera a construção do humano”. Dessa forma, a autora ainda diferencia o termo “práticas educativas” de “práticas pedagógicas”, segundo ela, “[...] práticas educativas, se referem a práticas que ocorrem para a concretização de processos educacionais, já as práticas pedagógicas, como dito, tem a finalidade de concluir e potencializar projetos educativos.”

Assim, é visto que a prática pedagógica é definida de uma forma mais crítica e reflexiva na qual o docente cria intencionalidades para sua prática educativa. Por isso, segundo a autora, ambas são interligadas.

A partir das considerações feitas anteriormente, tanto sobre distúrbios de aprendizagem, como a questão da família e da escola para pessoas com dificuldades de aprendizagem, passaremos a fazer a análise e exposição dos resultados alcançados com a observação do ambiente escolar, assim como com as entrevistas e questionários realizados com a professora do primeiro e do segundo ano da escola em estudo e também com a diretora.

### 3. Análise e exposição dos resultados

A escola Dom Climério, escolhida como campo da pesquisa, é uma escola situada em um bairro periférico da cidade de Poções-BA, bairro esse visto como um dos que mais contém famílias em vulnerabilidade econômica, com ruas com total falta de infraestrutura e segurança, casas instáveis dentre outras coisas. Por essas questões, muitas vezes, a educação do bairro é vista de forma negativa por pessoas de outras localidades.

Porém, isso não ocorre na escola Dom Climério, pois a instituição é uma das únicas escolas públicas em Poções que possuem uma sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado (AEE) com atendimento diário da psicopedagoga para alunos com necessidade educacional especial, e por isso, atende uma grande variedade de alunos de diversos locais (mesmo dando preferência a alunos do bairro).

Falando sobre as turmas atendidas na escola, são sete turmas, sendo quatro no período matutino e três no vespertino, totalizando 167 alunos. Oferece ensino fundamental apenas nos anos iniciais e não possui mais oferta da educação infantil, já que as crianças foram transferidas para creche do bairro, recém-inaugurada. De acordo com a diretora, a escola possui o total de cinco professoras e uma psicopedagoga, todas elas formadas em pedagogia, sendo cinco formadas na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e apenas uma formada na Universidade Norte do Paraná (Unopar).

Outro ponto chave citado na entrevista semiestruturada foi sobre as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos alunos, como era feito o “diagnóstico”, quais as principais dificuldades e como o corpo escolar fazia para trabalhar essas situações. De acordo com a coordenadora, a primeira coisa que tanto ela quanto a professora observava para identificar uma possível dificuldade na aprendizagem, era como o aluno agia durante as aulas, como ele estava em comparação ao ritmo dos demais e em quais disciplinas esse aluno apresentava

mais dificuldade, com isso, professora, coordenadora e diretora se reuniam para discutir sobre o que fariam para ajudar esses alunos.

Em relação à forma com que os profissionais se instrumentalizam para lidar com as dificuldades apresentadas por seus alunos, segundo a diretora, os monitores recorrem às formações continuadas que acontecem esporadicamente para eles. Já as formações para os educadores são apenas referentes aos programas implantados no município, a exemplo do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), o que segundo a diretora, não dá conta de trabalhar especificamente com a demanda atendida pela a escola.

A mesma pergunta, sobre a instrumentalização, foi feita para a professora entrevistada e ela nos contou que para um trabalho efetivo ela precisa está em constante formação, o que é uma questão muito discutida nas formações fornecidas pelo município, mas ela percebeu que necessitava de uma formação específica, com profissionais específicos e que unam teoria e prática. Por isso, atualmente, está cursando pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica, justamente para desenvolver um trabalho mais direcionado às dificuldades de aprendizagem.

Os educandos que apresentam dificuldades de aprendizagem participam das aulas no coletivo, mas fazem atividades diferenciadas sob orientação individualizada de um monitor. Além, também, de participar de aulas de reforço ou de acompanhamento Educacional Especializado na Sala de Recursos Multifuncionais e de serem encaminhados para o acompanhamento multidisciplinar no Centro Municipal de Atendimento Educacional Especializado de Poções (CMAEEP).

Outro assunto tratado no referencial teórico é da relação dificuldade de aprendizagem e família, esse breve esclarecimento sobre o assunto foi justamente por ser muito citada pela diretora, segundo ela, a maioria dos pais não sabem ler, outros não tem tempo por ter que trabalhar muito, muitos alunos moram com os avôs também e isso dificulta no processo de ensino.

Após a entrevista com a diretora, o objetivo era falar com a maioria das professoras da instituição, mas com a pandemia não foi possível. Por isso, para adentrar sobre a questão da formação do professor, foi estabelecido o contato via E-mail com um questionário tanto para diretora quanto para a professora do 1º ano que se dispôs a respondê-lo.

A diretora ao falar sobre a formação de professor deixou bem claro seu ponto de vista tanto na entrevista quanto no questionário, de que as professoras enfrentam dificuldades inicialmente para lidar com esses alunos pela formação inadequada dos professores e também dos monitores. Para ela, o que é falado e visto durante a formação acadêmica é bem longe da realidade que elas enfrentam, ela nos conta que as professoras e também algumas estudantes que vão fazer estágio na instituição ficam “perdidas” ao se deparar com salas superlotadas, com alunos em diferentes níveis de aprendizagem, com alunos que não possuem nenhum material escolar, entre outras dificuldades que enfrentam diariamente.

Para a diretora, as dificuldades de aprendizagem é um dos fatores que é mais preciso estudar, conhecer novas possibilidades, novos caminhos durante a graduação. Ainda em relação à formação dos professores, a diretora diz que:

Infelizmente tanto a graduação, como as formações continuadas estão aquém das expectativas para o atendimento eficaz aos educandos com dificuldades de aprendizagem e/ou portadores de necessidades educacionais especiais. (Diretora da instituição)

Ao perguntamos se ela acreditava que a formação do professor que trabalha com pessoas com dificuldades dá conta das especificidades desse público, ela responde, que:

Não, os educadores por mais que se esforcem e tenham orientação e acompanhamento pedagógico na escola, apresentam limitações em lidar com esses educandos com dificuldades na aprendizagem, pois não tiveram a formação necessária, muitos nem conseguem lidar com as tecnologias, alguns até se especializam por conta própria, visando minimizar esses desafios. (Diretora da instituição)

Também deixamos aberto para que ela destacasse quaisquer aspectos que julgasse merecedor em se tratando da Formação de Professores para atender alunos com dificuldades de aprendizagem que frequenta a escola, e ela respondeu, que:

Reitero a necessidade de uma abordagem mais específica nas formações acadêmicas e continuadas dos educadores voltadas para as dificuldades de aprendizagem, pois estes evidenciam suas limitações em lidar com esse público cada vez mais crescente nas nossas escolas. É imprescindível também a implantação das salas de recursos em todas as unidades de ensino do município. (Diretora da instituição)

Como dito, o questionário também foi mandado para a professora do 1º ano e 2º ano da instituição, a mesma fez um apanhado das perguntas feitas e respondeu em forma de texto. Ela atua no ensino fundamental há 21 anos, fez magistério, licenciatura em pedagogia e



atualmente cursa pós-graduação em Psicopedagogia institucional e clínica, justamente por trabalhar com muitas crianças com dificuldades de aprendizagem.

Com o questionário e uma conversa informal com a professora no dia da visita, ficou explícito que ela também achava que sua formação acadêmica, a graduação em pedagogia, não foi totalmente suficiente para sua prática em sala de aula, principalmente no que se refere trabalhar com alunos que possuem dificuldades de aprendizagem. Falando sobre sua experiência o que ajudou foi o magistério feito antes da graduação, ela relatou, que:

O Magistério nos possibilitava a prática da sala de aula efetivamente e a Pedagogia complementou essa prática com o conhecimento aprofundado das diversas correntes teóricas sobre educação o que, conseqüentemente, viabilizou um maior aprofundamento no trabalho diário em sala. (Professora do 1º ano da instituição)

Ao perguntamos o que ela achava da graduação, ela nos disse que gostou muito do curso e que toda a parte teórica foi muito importante para sua formação, mas que a graduação em pedagogia não deu totalmente conta de prepará-la para atuação em sala de aula e, principalmente, para lidar com alunos que possuem dificuldades de aprendizagem além de outras dificuldades enfrentadas todos os dias em sala de aula e, por isso, acrescenta que:

Penso que o tempo disponibilizado na prática em estágios aos novos formandos em Pedagogia é muito pouco para se ter realmente noção do que é o chão de sala de aula. Teoria sem prática não define educação e vice-versa. (Professora do 1º ano da instituição)

Assim, para ela, o trabalho na educação necessita de contínua formação, principalmente com crianças com dificuldades de aprendizagem, já que na graduação, no ponto de vista dela, distancia da realidade vivida principalmente nas escolas públicas, são destinadas poucas matérias que contemplam as necessidades educacionais e os estágios realizados na graduação são insuficientes para preparar para atuação em sala.

Por fim, perguntamos como acontecia o trabalho com esses alunos e de como ela se sentia ao perceber avanços a partir de sua prática em sala, segundo ela:

Tenho crianças com necessidades especiais e crianças com dificuldades de aprendizagem. De posse de informações sobre as características do aluno e sua deficiência, realizo planejamento paralelo e fundamentado nas expectativas de aprendizagem, para atendê-las em suas limitações, contudo aplico, com o auxílio do profissional de apoio, atividades pensadas para cada faixa etária. Assim, é possível identificar se os alunos estão evoluindo no dia a dia e a inclusão na turma. (Professora do 1º ano da instituição)

Em relação ao seu sentimento pelo seu trabalho, ela nos afirma que é de extrema gratidão ver o avanço de seus alunos, a cada letra ou número reconhecido, a cada desenho pintado, a cada atividade feita, enfim qualquer sinal de avanço é motivo de alegria. Ela nos diz também que mesmo com todas as dificuldades ditas, ela não se vê exercendo a profissão em outra esfera que não seja essa, pois ela ama trabalhar com as crianças, já que acredita que elas são a base para uma sociedade mais justa.

### **Considerações Finais**

A partir das leituras feitas e toda proximidade com a realidade vivenciada por professores de escola pública, que trabalham com crianças com dificuldades de aprendizagem, percebemos o quanto é importante que a graduação se preocupe com a formação desses futuros professores para lidar com situações como essa, já que essas realidades são comuns a serem vistas e faz com que o professor precise se reinventar para garantir a aprendizagem dos seus alunos.

Durante a realização da pesquisa o que mais foi falado é a falta ou poucas disciplinas ofertadas que tratam sobre dificuldades de aprendizagem, pouco tempo disponibilizado para os estágios, assuntos que “maquiam” a realidade da educação e o que os futuros educadores vão enfrentar. Percebendo assim, que a graduação está aquém das expectativas que temos no sentido de lidar com uma sala de aula, principalmente com turmas dos anos iniciais que demandam uma forma de trabalho atrativa e dinâmica.

Além disso, percebemos a partir da definição de prática pedagógica, que a graduação deve enfatizar a formação de professores críticos, reflexivos e que tenham intencionalidade no que vão fazer durante sua jornada na educação, já que a formação de professores críticos irá resultar na formação de alunos críticos e autônomos, perpassando assim, para educadores e educandos no futuro.

Em relação às Dificuldades de Aprendizagem, é visto que, as crianças merecem uma educação de qualidade, numa escola de qualidade. Fazer essa pesquisa nos faz perceber o quanto é difícil atuar numa sala pequena, superlotada, sem materiais necessários e também insuficientes e com crianças que necessitam de muita atenção, mas também nos fazem perceber o quanto é gratificante ver o avanço acompanhado da felicidade da criança ao aprender.

Além disso, percebemos que no caso dessa professora, ela teve a contribuição do magistério que a ajudou atuar na sala de aula. Mas ficou explícito que um estudante ao sair da graduação ficaria inseguro ao se deparar com uma sala de aula como a observada, já que a formação não propicia disciplinas suficientes sobre o tema e também não proporciona tempo suficiente para que o aluno da graduação conheça a realidade das escolas e suas respectivas turmas.

Ainda em relação às Dificuldades de Aprendizagem, percebemos que a relação da família é essencial para o avanço do aluno, pois o incentivo, a identificação em relação as suas dificuldades, a forma de deixar a criança segura e confiante e principalmente, o acompanhamento constante faz toda a diferença na vida do sujeito.

Em relação ao sentimento dos profissionais da escola escolhida, percebemos que atualmente eles já conseguem lidar melhor com as dificuldades que foram apresentadas, pois buscam pela melhoria todos os dias. Mas é notório a necessidade de um olhar específico para a instituição, desde a oferta de materiais pedagógicos, escolares e melhoria na infraestrutura da escola até a oportunidade de cursos para auxiliar na formação continuada para crescente avanço com os educandos.

Por fim, a pesquisa mostra a importância da formação inicial do professor advindo da necessidade da melhoria e atualização dos cursos de licenciatura, no sentido de aproximar mais o educando a realidade da sociedade vigente e prepará-lo de forma que ele saiba como e em que momento usar os conhecimentos adquiridos na formação acadêmica, principalmente em relação às dificuldades de aprendizagem, uma disciplina ofertada, por exemplo, não dá conta de conhecer as possibilidades para um trabalho tão específico.

A pesquisa foi um exemplo de que os professores não saem preparados, e isso faz com que eles se sintam perdidos e incapazes de dar conta de uma sala de aula que enfrenta dificuldades, por isso vemos a necessidade de um olhar que tenha o objetivo de formar o professor por completo, pois esse olhar de mudança para os cursos de licenciatura resultará na melhoria e transformação pedagógica da educação básica.

## Referências

ASSUNÇÃO, W. C; FREITAS, J. C. de. Dificuldades de aprendizagem no contexto escolar: possíveis estratégias didáticas e de intervenção. **Revista Exitus**, Santarém/PA, Vol. 9, N° 5, p. 391 - 420, Edição Especial 2019.

BASTOS, M. de J. A Formação de Professores para a Educação Básica. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 02, Ed. 01, Vol. 14, pp. 82-97 Janeiro de 2017. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/formacao-de-professores>> Acesso em: 21 de agosto de 2020.

BONADIO, R. A. A; MORI, N. N. R. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Maringá: Eduem, 2013.

BRASIL, Ministério da educação. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 20 de Março de 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Base da Educação**. Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

CAMARGO, A. M. M. de. A formação inicial de professores para os anos iniciais da escolaridade: o currículo como categoria central. **Educação Em Perspectiva**, v.4 n.1. 2013.

CANCIAN, Q. G; MALACARNE, V. **Diferenças entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem**. Congresso de educação da FAG, 2019.

CARARA, M. L. **Dificuldade de aprendizagem e vulnerabilidade social sob a percepção da comunidade escolar**. Trabalho de conclusão de curso de Pós Graduação em Educação e Direitos Humanos. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2018. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Mariane.pdf>. Acesso em: 18 de março de 2020.

CASARIN, N. E. F; RAMOS, M; B. J. Família e aprendizagem escolar. **Rev. psicopedag.** São Paulo, v. 24, n. 74, p. 182-201, 2007. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862007000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 24 de março de 2020.

CUNHA, M. I. da. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, n. 3, p. 609-625, jul./set. 2013.

FRANCO, M. A. R. S. Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. **Rev. Bras. Estud. Pedag.** vol.97 no.247 Brasília set./dez. 2016.

GERHADT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.



LEITE, E. A. P. *et al.* Formação de profissionais da educação: Alguns desafios e demandas da formação inicial de professores na contemporaneidade. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 39, nº. 144, p.721-737, jul.-set. 2018.

MANO, A. M. P; MARCHELLO, A. M. S. Dificuldades e distúrbios de aprendizagem na concepção de professores das séries iniciais. **Revista científica eletrônica da pedagogia** - Ano XIII – Número 25 – Julho de 2015 – Periódico Semestral.

MARTINS, M. C. P. S. **Dificuldades de Aprendizagem Específicas Centradas na Leitura e Práticas Eficazes de Intervenção.** 2009. 152f. Dissertação de mestrado. Universidade do Minho, Novembro de 2009.

SASSAKI, R. Terminologia na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação.** São Paulo, ano IX, 2005.

MAZER, S. M. BELLO, A. C. D; BAZON, M. R. Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados. **Psicol. educ.** no.28 São Paulo jun. 2009. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-69752009000100002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752009000100002). Acesso em: 23 de fevereiro de 2021.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org). **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez Editora, 1999. (p. 15 a 34)

ROTTA, N. T. *et al.* **Transtornos da aprendizagem:** abordagem neurobiológica e Multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

ROZA, L. R. A. P.; DAMASCENO, A. R. **Dificuldades de aprendizagem (da) na escola:** contradições e perspectivas na formação docente para a afirmação da educação inclusiva. VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina, novembro, 2011, p. 2101-2117.

SASSAKI, R. Terminologia na era da inclusão. **Revista Nacional de Reabilitação.** São Paulo, ano IX, 2005.

TELLES, F. D. C.; LUCIO, G. B. S.; ALCANTARA, E. F. S. Um olhar psicopedagógico sobre a disgrafia. **Rev. Episteme Transversalis**, v.8, n.2, p.64-79, jul./dez.2017.

TRIVINOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOSTKI, L. S. **A formação social da mente.** Editora Ltda. 4ª edição brasileira. São Paulo – SP, 1991.

Sobre as autoras:

**Luana Oliveira Santos**

Aluna do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)  
Campus de Vitória da Conquista – BA. E-mail: [oliveiraluanna020@gmail.com](mailto:oliveiraluanna020@gmail.com)

**Sheila Cristina Furtado Sales**

Professora Doutora do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
(UESB) Campus de Vitória da Conquista – BA. E-mail: [scfsales@gmail.com](mailto:scfsales@gmail.com)